



## BLOGUEIRAS FEMINISTAS E O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO DO FEMINISMO NO CIBERESPAÇO

Quezia dos Santos Lima<sup>1</sup>

A sociedade patriarcal rejeita a ideia de que ainda é preciso falar de feminismo nos tempos contemporâneos. Isso porque as mulheres já conquistaram um espaço significativo no mercado de trabalho. Hoje, ocupam cargos historicamente masculinos e têm liberdade de escolha na vida pessoal e profissional. Essas mudanças promoveram a naturalização de um perfil de “mulher moderna” enquanto independente financeiramente; naturalização esta que produziu um efeito de estabilidade sobre os impactos das conquistas dos movimentos feministas na vida da mulher. Partindo desse ponto de vista, é como se as mulheres já tivessem alcançado tudo o que reivindicavam, por isso não haveria mais razão para manifestação.

Diante deste cenário cristalizado, os sentidos atribuídos ao movimento nem sempre são positivos. A ideia de que feministas buscam privilégios e regalias para as mulheres é bem recorrente na sociedade. Assim como a simetria de sentido entre machismo<sup>2</sup> e feminismo, quando se considera a mulher superior ao homem<sup>3</sup>. E esses discursos são reproduzidos também por grande parte das mulheres, as quais não relacionam as mudanças de comportamento na sociedade às lutas do movimento feminista dos anos 1960. A rejeição ao termo *feminismo* é tanta que chamar alguém de feminista pode ter a conotação de um insulto, já que produz uma imagem de mulher “não feminina”.

Mesmo com as conquistas dos movimentos feministas, os sentidos predominantes na memória social são vinculados a um discurso patriarcalista. É possível observar este acontecimento com o destaque dado pela mídia aos discursos patriarcalistas e, conseqüentemente, o silenciamento dos discursos feministas em suas reportagens, comerciais e programas de TV.

Se, por um lado, a imprensa apaga dizeres sobre o feminismo e evidencia discursos patriarcalistas, as redes sociais virtuais constituem-se, então, como um espaço de confronto a esses discursos hegemônicos. A popularização da internet contribuiu para fazer circular massivamente discursos de valorização do feminismo. Através de comunidades virtuais, blogs pessoais e páginas no Facebook, testemunhamos diversos tipos de intervenções *on-line*. Por ser um canal de comunicação em tempo real, o alcance das ações pode chegar a uma proporção global. Esta facilidade de interagir com internautas de diferentes lugares, crenças e interesses permite que o

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Língua e Cultura pela UFBA, Mestre em Estudo de Linguagens pela UNEB, docente da Unijorge.

<sup>2</sup> Machismo aqui entendido como o desejo do homem em ser superior à mulher.

<sup>3</sup> O termo feminismo indica um movimento social que luta direitos iguais entre mulheres e homens.



movimento aproveite o ciberespaço<sup>4</sup> para divulgar o feminismo e “explicá-lo” à sociedade, ampliando assim o número de seguidores.

Há uma grande articulação nas redes sociais para exaltar o feminismo, organizada por mulheres feministas de todo o Brasil. Em formato de ensinamento, as “blogueiras feministas” discutem a respeito das reivindicações do feminismo, identificam-se como sendo feministas, na tentativa de valorizar esse termo.

Este blog existe porque queremos vivenciar na rede a experiência de ser feminista. Escrever posts, apontar manifestações do machismo na sociedade, twittar, fazer vídeos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede, entre outras formas de espalhar essa idéia de que ainda tem muita coisa pra mudar nas relações entre homens e mulheres. Por outro lado, tem a ver com uma reflexão constante sobre a nossa própria vida, sobre como a gente pode enfrentar as nossas contradições, como a gente constrói as nossas relações com mais autonomia e liberdade. (BLOGUEIRAS FEMINISTAS, 2010<sup>5</sup>)

O ciberativismo<sup>6</sup> contribui também para a organização de manifestações feministas nas ruas. Diversas marchas reivindicatórias têm sido organizadas em vários estados pelas redes sociais. A “Marcha do parto em casa”<sup>7</sup> reuniu mulheres de 21 cidades do país pelo direito de grávidas decidirem se querem ter seus filhos em casa ou no hospital; a “Marcha contra a mídia machista”<sup>8</sup> protestou por mais respeito na mídia e em campanhas publicitárias, para que as mulheres não sejam retratadas apenas como objetos sexuais. A “Marcha das Vadias”<sup>9</sup> reuniu militantes de todo o Brasil em atos públicos de protesto pelo fim da violência contra a mulher e pela luta por direitos iguais aos dos homens.

Seios à mostra, corpos pintados, cartazes com mensagens<sup>10</sup> que se opõem ao discurso patriarcalista e aos dogmas religiosos: “nem santa, nem puta, livre”; “sou minha, só minha e não de quem quiser”; bonita é mulher que luta”; “meu corpo, minhas regras”; eu não vim da sua costela, você que veio do meu útero”; “meu corpo me pertence e abortar é uma decisão minha”; somos feministas porque somos vadias de família, somos uma família de vadias”. Mobilizações como estas nos trazem

<sup>4</sup> “Levy define o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, pág. 92).

<sup>5</sup> Texto retirado do site “Blogueiras Feministas”. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/about/>>. Acesso em 12 fev. 2012.

<sup>6</sup> A utilização da Internet por movimentos sociais com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede (GURAK, LOGIE, 2003; MCCAUGHEY, AYERS, 2003).

<sup>7</sup> A “Marcha do Parto em Casa” começou a ser organizada nas redes sociais após o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) pedir à entidade paulista, o Cremesp, a punição do obstetra Jorge Francisco Kuhn, que defendeu o direito de mulheres saudáveis optarem pelo parto domiciliar. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/15/mulheres-organizam-marcha-em-mais-de-20-cidades-pelo-direito-de-fazer-parto-em-casa.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.band.com.br/noticias/cidades/noticia/?id=100000528194>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/06/protesto-marcha-das-vagabundas-chega-ao-brasil-neste-sabado.html>. Acesso em: 24 jun. 2012.

<sup>10</sup> Disponível em: <[www.blogueirasfeministas.com](http://www.blogueirasfeministas.com)>. Acesso em: 25 ago. 2012.

à memória as manifestações dos anos 1960, quando as feministas foram às ruas queimar sutiãs e brigar por direitos iguais. O feminismo reapareceu<sup>11</sup> e agora é possível alcançar mais pessoas com a ajuda das redes sociais. O discurso contestador da imprensa alternativa feminista dos anos 1980

parece ganhar um novo terreno no ciberespaço, nos formatos de blogs e páginas virtuais nas redes sociais. São vozes do passado (re)significando o presente.

Diante deste cenário e partindo do princípio de que o discurso é um dos lugares em que a ideologia se manifesta e também “possibilita a permanência e a continuidade ou o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive” (ORLANDI, 2005, p. 15), é possível perceber uma atualização / (re) formulação do discurso feminista nas redes sociais. Visto que este ciberativismo propõe-se a fazer intervenções com o objetivo de divulgar o feminismo e apagar os seus sentidos negativos construídos ao longo dos anos.

### **A Análise do Discurso e os efeitos de sentidos sobre o feminismo**

As mudanças que ocorrem na sociedade, muitas vezes, não anulam costumes tradicionais, pois dizeres opostos convivem em tensão. Por sua vez, as identidades dos sujeitos sociais são produzidas a partir das diversas maneiras de se relacionar com os discursos em circulação. Essas identidades diferenciadas são constituídas através da linguagem, que é concebida pela Análise do Discurso (AD) como “a mediação entre o homem e sua realidade natural e social” (ORLANDI, 2005, p. 15).

Os discursos feministas que fizeram sentido na década de 1960 retornam modificando-se e atualizando os sentidos nos dias de hoje. A AD considera, portanto, que o sentido não é transparente e varia de acordo com as condições de produção do discurso e do seu relacionamento com a ideologia.

Os textos presentes nas redes sociais constituem-se como um espaço simbólico, e o gesto interpretativo do sujeito leitor é determinado por sua relação com a memória. Um material sobre o feminismo contém possíveis dizeres que se atualizam, e a partir do efeito de esquecimento, a memória é deslocada para assim significar. A memória discursiva não é individual, ela é histórica, várias possibilidades de interpretações são postas em jogo. Assim, o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória. Vale ressaltar que não são os sujeitos empíricos e os lugares sociais que funcionam no discurso, mas “suas imagens que resultam de projeções” (ORLANDI, 2000, p. 40).

Nos discursos materializados nos blogs<sup>12</sup> e nas páginas das redes sociais, muitos dizeres não tiveram origem ali: “Não acredite nas revistas, você é linda”: “Nosso corpo, nosso território”; “Essa

---

<sup>11</sup> O feminismo enquanto movimento social não tinha desaparecido, mas restringia-se a determinadas organizações, o que limitava o campo de atuação e sua popularização. Por sua vez, o ciberativismo promove a visibilidade das mobilizações feminista, por possibilitar um alcance muito maior de pessoas.

<sup>12</sup> Os discursos são materializados em formato de artigo, vídeos de instrução, cartazes informativos etc.

hipocrisia dá hemorragia, legalizar o aborto, direito ao nosso corpo”; Não é crime passional, é feminicídio”. Os discursos provêm de outros discursos, que fazem parte da memória social, relacionada às formações ideológicas que se identificam. Para desconstruir a imagem do feminismo enquanto movimento desarticulado e sem razão, é preciso mobilizar pré-construídos, que são implícitos necessários para a compreensão do discurso. Os discursos se repetem e é a partir de retomadas que os sentidos se constituem. Há uma relação de parafraseamento no interior das FDs, onde alguns sentidos são legitimados e outros dizeres interditados. A repetição se dá no interior de práticas discursivas, possibilitadas por uma memória social. Mais do que uma simples repetição, os sentidos se estabelecem no encontro /confronto com outros sentidos.

Os discursos patriarcalistas são repetidos ao longo da história de forma a regularizarem-se fazendo parte da memória discursiva, contudo, essa série de repetições é “sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória” (PÊCHEUX, 2009, p. 52). Os dizeres feministas já promoveram essa oposição, o rompimento com o discurso patriarcalista, mas não apagaram os sentidos, apenas adicionaram novos sentidos aos já existentes. Os vídeos, artigos, cartazes presentes nos blogs feministas têm o objetivo de estabilizar e popularizar os pré-construídos que rompem com o patriarcalismo, com a finalidade de fazer parte hegemonicamente da memória discursiva da sociedade.

Pêcheux (1975) relaciona o sentido do discurso às formações ideológicas postas em jogo no processo sócio-histórico, as quais compreendem uma ou várias formações discursivas (FDs) em relação de polêmica ou de aliança. A FD é “um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos, que representam um modo de se relacionar com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (INDURSKY, 2008, p. 3).

Os sujeitos do movimento feminista, a partir de lutas contestatórias, questionaram a FD patriarcalista e, assim, houve um processo de desidentificação com os saberes desta FD, possibilitando o surgimento da FD feminista. Indursky (2008, p.5), retomando as ideias de Pêcheux (1975), explica que “desidentificar-se implica não mais estar identificado com uma determinada formação discursiva porque, de fato, este mesmo sujeito já identificou-se com uma outra formação discursiva”.

A FD feminista surge opondo-se à FD patriarcalista. Essas duas constituem dois domínios do saber antagônicos, cujos sentidos são opostos, no que dizem respeito à questão das relações de gênero. Quando uma mulher assume um lugar de feminista, ela toma uma posição sujeito que vai de encontro ao patriarcalismo, de forma que se identifica com a forma-sujeito feminista, quando se define como sendo a favor dos direitos iguais entre homens e mulheres. No entanto, a identificação com a forma-sujeito nem sempre é semelhante. A FD feminista é heterogênea, e os sentidos atribuídos às diversas temáticas são divergentes. Sendo assim, o feminismo enquanto movimento político difere-se do militante, que, por sua vez, tem características diferentes do movimento acadêmico. Agora é o momento do ciberfeminismo, que talvez seja o conjunto desses outros



segmentos ou, simplesmente, constitua-se como um neofeminismo. São infinitudes de discursos feministas que circulam na sociedade, que nos levam a pesquisar sobre o funcionamento destes como elementos importantes para construção da identidade social.

O mundo virtual constitui-se como um lugar discursivo que possibilita a propagação de novos sentidos sobre o feminismo, relacionados aos dizeres cristalizados. As discussões presentes nessas novas formas de mobilização indicam o quanto o feminismo é um assunto recorrente na sociedade, e como ainda há diversas temáticas a serem amplamente discutidas: violência sexual, saúde da mulher (aborto, parto humanizado), discursividades patriarcalista da mídia etc.

O ciberativismo – que nasce a partir da entrada de ativistas nas redes sociais – é parte integrante do mundo “real”. A cibercultura criou uma necessidade nos indivíduos de estarem vinte e quatro horas por dia conectado à internet, seja por meio de *notebook*, *smartphone*, *Tablet* etc. Por isso, todas as manifestações iniciadas na internet refletem as relações sociais do nosso cotidiano. Quando uma blogueira feminista escreve um artigo e este é comentado, compartilhado e curtido, essas ações representam a identificação do sujeito como feminista, pois o ato emitir opinião configura-se como uma exposição na vida pública e a construção da imagem de si. Por isso, os limites entre o virtual e o real não são delimitados, já que o que é realizado virtualmente reflete-se materialmente, como tomada de posição.

## REFERÊNCIAS

- COURTINE, J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.
- GURAK, L. J; LOGIE, J. Internet protest, from text to web. In: MC-CAUGHEY, M.; AYERS, M.D. (ed.). **Cyberativism**: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMAN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.) **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaio, 22).
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIMA, Quezia. **A fragmentação da forma-sujeito da mulher contemporânea**: um estudo do discurso de trabalhadoras da Rede de Atenção às Mulheres de Salvador. 2011. 206 f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.
- MCCAUGHEY, M; AYERS, M.D. (ed.) **Cyberativism**: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003.
- ORLANDI, Eni. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp: 2000.
- \_\_\_\_\_. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005, p. 15-22.
- PÊCHEUX, M. (1983). **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, Pontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997b, p. 61-151.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença  
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.